



PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM ARQUIVOLOGIA OU EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO? UMA ANÁLISE A PARTIR DOS LIVROS EM ARQUIVOLOGIA ORIGINADOS DE TESES E DISSERTAÇÕES EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Alexandre de Souza Costa

Mestrando em Ciência da Informação – Universidade Federal Fluminense (UFF)
– Brasil

RESUMO

O estudo ora apresentado identificou que a produção do conhecimento em Arquivologia no Brasil se dá predominantemente em programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Isto foi constatado tendo como campo empírico seis livros originados de teses e dissertações em programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Os referenciais teóricos utilizados valeram-se da interdisciplinaridade entre a Arquivologia e a Ciência da Informação; o campo científico; a comunicação científica; e, a questão do livro como difusor do conhecimento científico. A metodologia empregada consistiu em analisar os livros citados e entrevistas com os seus autores. Os resultados da pesquisa indicam que a relação interdisciplinar se dá muito mais de forma circunstancial do que epistemológica, pelo menos no cenário brasileiro.

Palavras-Chave: Arquivologia; Ciência da Informação; Interdisciplinaridade; Produção de Conhecimento; Livros Científicos.

ABSTRACT

The study presented found that the production of knowledge in Archival Science in Brazil is predominantly from post-graduate programs in Information Science. This was noted having six books as empirical field that were thesis and dissertations originated in post-graduate degree in Information Science. The theoretical frameworks used were interdisciplinarity between Archival Science and Information Science; scientific field; science communication; and books as ways of dissemination of scientific knowledge. The methodology was consisted of examining these cited books and interviews with their authors. The survey results indicate that the interdisciplinary relationship takes so much circumstantial than epistemological, at least in Brazilian scenario.

Keywords: Archival Science; Information Science; Interdisciplinarity; Production of Knowledge; Scientific Books.

1 INTRODUÇÃO

Para a abordagem da pesquisa empreendida, partimos do reconhecimento de que recentemente surgiram pesquisas com maior aprofundamento teórico e

metodológicas relacionadas ao campo da Arquivologia no Brasil, o que possibilitou a ampliação do debate científico nesta área. De fato, podemos observar – sobretudo a partir dos anos 90 – novas abordagens. Como exemplos, podem ser citados a observação de temas como os documentos eletrônicos e as políticas públicas arquivísticas no Brasil.

Percebe-se uma característica intrínseca da produção de conhecimento em Arquivologia no Brasil: o desenvolvimento de pesquisas com temática arquivística predominantemente em programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Posto isto, pretendeu-se investigar como e por que estas pesquisas foram concebidas no campo da Ciência da Informação.

Esta pesquisa teve como um dos seus componentes fundamentais a Comunicação Científica, disciplina que, segundo Meadows, possui como característica situar-se no coração da ciência (MEADOWS, 1999, p.vii), ou seja, essencialmente o desenvolvimento de qualquer área do conhecimento se utiliza dos meios de comunicação – formais (periódicos científicos e livros) e informais (comunicação de pesquisa em andamento, certos trabalhos de congressos e outras com características semelhantes) (MUELLER, 2000, p. 23).

Dentre os canais de comunicação científica, é importante apontar que, para elaboração desta pesquisa, foram utilizados como material de análise os livros de Arquivologia publicados no Brasil no período compreendido entre 1995 e 2008. Estes livros possuem como principal característica o fato de terem sido originados de teses e dissertações em programas de pós-graduação em Ciência da Informação no período citado. Contudo, torna-se importante salientar que a produção de conhecimento arquivístico através dos livros não teve apenas esta origem.

2 INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A ARQUIVOLOGIA

No âmbito científico, as disciplinas que possuem como objeto de estudo a informação como a Ciência da Informação, a Biblioteconomia, a Arquivologia, etc., têm tratado a interdisciplinaridade como tema comum. Contudo, a fim de compreender a dimensão deste fenômeno faz-se necessário apresentá-lo a partir de alguns matizes.

A interdisciplinaridade se faz necessária devido à fragmentação do saber, ou seja, um alto grau de especialização por parte das ciências ou saberes compartimentados (JAPIASSÚ, 1976). A interdisciplinaridade viria como proposta no bojo da pós-modernidade e criaria a possibilidade do diálogo entre (inter) as disciplinas formando uma idéia de interação. O resultado desta interação, a partir do rigor teórico-metodológico aplicado e tendo por mediação a interdisciplinaridade, traria novas perspectivas de abordagens científicas.

Pombo (1994, grifo da autora) apresenta interdisciplinaridade da seguinte forma:

Por **interdisciplinaridade**, deverá então entender-se qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto a partir de uma confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objectivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum [...] Conforme os casos e os níveis de integração pretendidos, ela pode traduzir-se num leque muito alargado de possibilidades: transposição de conceitos, terminologias, tipos de discurso e argumentação, cooperação metodológica e instrumental, transferência de conteúdos, problemas, resultados, exemplos, aplicações, etc.

Ainda Pombo (2005, p.11, grifo da autora) em uma palestra conferida no Congresso Luso-Brasileiro sobre Epistemologia e Interdisciplinaridade na Pós-Graduação, conclui seu pensamento da seguinte forma:

Sem interesse real por aquilo que o outro tem para dizer não se faz interdisciplinaridade. Só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica e para nos aventurarmos num domínio que é de todos e de que ninguém é proprietário exclusivo. Não se trata de defender que, com a interdisciplinaridade, se alcançaria uma forma de anular o *poder* que todo *saber* implica (o que equivaleria a cair na utopia beata do sábio sem poder), mas de acreditar na possibilidade de partilhar o poder que se tem, ou melhor, de *desejar* partilhá-lo. Como? Desocultando o saber que lhe corresponde, explicitando-o, tornando-o discursivo, discutindo-o.

No que tange à interdisciplinaridade entre a Ciência da Informação e Arquivologia, os primeiros estudos que tratam da questão foram iniciados a partir dos anos 90. No ano de 1992, em um artigo intitulado “As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação” (JARDIM; FONSECA, 1995, p.48) abordam que ambas as disciplinas tratam da questão da informação, no entanto, na perspectiva dos autores a relação entre as disciplinas era pouco observada:

Apesar da Arquivística e da Ciência da Informação partilharem do mesmo domínio de estudos – a informação – os níveis de interação que apresentam são bastante precários. Ainda que a informação seja contemplada por ambas as disciplinas a partir das suas diferentes propriedades e especificidades quanto à produção, uso e disseminação, o território disponível para o intercâmbio teórico e prático mostra-se extremamente vasto [...] O quadro atual parece favorecer tal interação à medida em que a Ciência da Informação vem buscando a construção da sua identidade disciplinar e a Arquivística inicia um processo de revisão em torno de seus objetos.

Neste mesmo artigo, os autores apontam que embora a informação enquanto objeto seja contemplada pelas duas disciplinas, no plano internacional não pode ser observado o relacionamento entre elas. Além disso, os autores afirmam que a literatura clássica da Ciência da Informação não contempla a informação arquivística. Por outro lado, a literatura arquivística também não menciona a Ciência da Informação (JARDIM; FONSECA, 1995, p.47).

Em um estudo de bastante fôlego com intenção de demonstrar uma epistemologia arquivística, Silva *et al.* (2002, p.214) publicaram o livro “Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação”. Nesta obra, os autores entendem que a Arquivística não só possui relações com a Ciência da Informação, mas é uma Ciência da Informação.

A Arquivística é uma ciência de informação social, que estuda os arquivos (sistemas de informação (semi-) fechados), quer na sua estruturação interna e na sua dinâmica própria, quer na interação com outros sistemas correlativos que coexistem no contexto envolvente (SILVA, 2002, p.214).

Em dissertação sobre a informação arquivística produzida por Eliezer Pires da Silva, podemos observar uma possibilidade de diálogo entre Arquivologia e a Ciência da Informação. Nesta pesquisa, o autor propõe uma perspectiva informacional concernente aos arquivos. Nesta perspectiva, o objeto da Arquivologia seria a informação arquivística. Assim, ao considerarmos a informação enquanto objeto de estudo da Ciência da Informação, podemos entender que potencialmente a informação arquivística poderá ser inserida como tema de interesse para pesquisa desta área.

No entanto, Silva na conclusão de seu trabalho, compreende a noção de informação arquivística da seguinte forma: “A dimensão de inovação no emprego da expressão *informação arquivística* ainda não está clara” (SILVA, 2009, p.116, grifos do autor). E mais: “Pode-se também inferir que os argumentos sobre as mudanças

na Arquivologia hoje não apresentaram uma articulação capaz de embasar um conceito de informação arquivística” (SILVA, 2009, p. 116).

2.1 O Conceito de Campo em Bourdieu

Pierre Bourdieu, sociólogo e antropólogo francês, desenvolveu o conceito de campo e deste, o conceito de “campo científico” no que diz respeito à Sociologia da Ciência. Nesta perspectiva, Bourdieu argumenta que o campo da ciência não se difere em nada de um campo social como outro qualquer, pois sempre há um embate, uma luta de forças em busca de legitimidade e reconhecimento social em um determinado espaço simbólico.

Desta forma, temos uma concorrência pelo monopólio da competência científica e a necessidade de legitimidade nos discursos em um primeiro nível institucional e, logo após, no nível pessoal. Sobre isto, afirma Bourdieu (1983, p.123, grifo do autor): “os julgamentos sobre a capacidade científica de um estudante ou de um pesquisador estão sempre *contaminados*, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição nas hierarquias instituídas”.

Outro aspecto sobre a busca de legitimidade e o reconhecimento social é a questão política. Desta maneira, as questões epistemológicas se confundiriam com questões políticas. Um exemplo disto seriam as bolsas de financiamento de projetos de pesquisa que seriam e/ou são liberadas pelas agências de fomento de acordo com certas pesquisas de pessoas de grupos hegemônicos estabelecidos institucionalmente. Assim, os critérios de avaliação seriam sempre adstritos à manutenção da hegemonia estabelecida e conquistada com esforços “científicos”.

Bourdieu ainda coteja o conhecimento científico ao capital e, por isso, possui suas regras de distribuição:

A estrutura da distribuição do capital científico está na base das transformações do campo científico e se manifesta por intermédio das estratégias de conservação ou de subversão da estrutura que ela mesma produz. Por um lado, a posição que cada agente singular ocupa num dado momento na estrutura do campo científico é a resultante, objetivada nas instituições e incorporada nas disposições, do conjunto de estratégias anteriores desse agente e de seus concorrentes (elas próprias dependentes da estrutura do campo, pois resultam das propriedades estruturais da posição a partir da qual são engendradas). Por outro lado, as transformações da estrutura do campo são o produto de estratégias de conservação ou de

subversão que têm seu princípio de orientação e eficácia nas propriedades da posição que ocupam aqueles que as produzem no interior da estrutura do campo (BOURDIEU, 1983, p.134).

Por fim, Bourdieu afirma que as posições estratégicas no campo científico são ideológicas disfarçadas de epistemológicas. Desta forma, o discurso engendrado pelos que estão institucionalmente amparados é de se manterem justificando sua posição e, ao mesmo tempo, desacreditarem os que estão em posição oposta, ou seja, os pesquisadores contra-hegemônicos. Tem-se então, uma relação de poder.

2.2 Produção de Conhecimento e Comunicação Científica

Os conceitos de produção de conhecimento no âmbito das ciências sociais e sua relevância para as áreas do saber são essenciais como referências no que concerne a esta pesquisa. Jardim (1999, p.99), ao abordar a importância da produção de conhecimento, afirma:

O conhecimento publicado constitui um dos elementos de análise da produtividade científica. Entre os indicadores mais utilizados na medida da produção científica, estão o número e diversidade de publicações de um país, região, universidade, unidade acadêmica, grupo de pesquisa ou cientista individual.

Em um glossário de termos e conceitos da área de comunicação científica, Lara (2006, p.407-8) define produção científica da seguinte forma: “Medida do volume de livros, artigos de periódicos e outras modalidades de publicações impressas, digitais ou eletrônicas, contendo os resultados da pesquisa científica de autores, instituições, regiões, países ou áreas temáticas”.

Rosseau e Couture (1998, p.255, grifo nosso) por seu turno, no que diz respeito às pesquisas nas áreas do conhecimento, afirmam:

Pode ajuizar-se da maturidade de uma área de conhecimento pelo estado de desenvolvimento dos seus programas de formação e das suas **atividades de investigação**. Para assegurar a existência, a manutenção e o desenvolvimento de uma disciplina – seja ela qual for –, é preciso, guardando as distâncias relativamente ao quotidiano, sem contudo dele nos separarmos, regressar aos princípios, às noções de base e aos métodos aplicados pela prática, com vista a defini-los novamente, a testá-los, a pô-los em causa, a descrevê-los e a difundi-los, tudo isso com o objectivo de facilitar uma uniformidade na aplicação. Não são esses, precisamente, os principais objectivos de qualquer esforço de formação e de investigação?

De semelhante modo, consideramos a comunicação científica como referencial nesta pesquisa.

As áreas do conhecimento só poderão atingir a legitimidade em suas pesquisas a partir da aceitação dos pares, ou seja, da comunidade científica (MEADOWS, 1999, p.vii). Nesta mesma direção, Targino (2000, p.10) aponta que: “A comunicação científica é indispensável à atividade científica, pois permite somar os esforços individuais dos membros das comunidades científicas”.

As áreas do conhecimento possuem uma comunidade de cientistas que pesquisam motivados pela necessidade de novas descobertas e a possibilidade do progresso da humanidade a partir destas. Quanto à questão da importância da comunicação na ciência, Meadows (1999, p.vii) abre o prefácio de seu livro “A Comunicação Científica” com a seguinte afirmação: “A comunicação situa-se no próprio coração da ciência”. Neste sentido, compreende-se que a pesquisa científica pressupõe sua comunicação.

Desta mesma forma, Ziman pondera o seguinte (1976, p.116): “Uma das importantes conclusões sobre a natureza da Ciência é que a literatura sobre um determinado assunto é tão importante quanto o trabalho de pesquisa a que ele dá origem”.

Devido ao aumento exponencial da quantidade de pesquisas desenvolvidas, torna-se importante apontar que a publicação de pesquisas científicas só será possível depois da avaliação feita pelos pares – *referees*, ou seja, os trabalhos devem passar pela avaliação da comunidade de cientistas. Sobre este aspecto, Meadows (1999, p.12) afirma o seguinte: “Assim como cresceu a comunidade científica também cresceu a necessidade de garantir que somente se publique material aceitável. Também há diferenças de atitude tanto em relação a reivindicações de prioridade quanto a controle de qualidade dependendo da disciplina”.

O processo de comunicação científica é inerente ao fazer científico. Ademais, o conhecimento publicado poderá repercutir no âmbito de uma determinada comunidade científica como parte do processo de renovação do conhecimento na área da qual o autor faz parte, podendo estabelecer novas pesquisas motivadas pela crítica exercida sobre determinado trabalho.

Além disso, a comunicação científica incorpora atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma ideia para pesquisar até que a informação é aceita como constituinte do estoque universal de conhecimentos (GARVEY *apud* TARGINO, 2000, p.10).

2.3 O Livro no Processo de Comunicação Científica

Entre os recursos e produtos da comunicação científica, o livro exerce um papel de destaque enquanto canal de difusão de conhecimento. Desta forma, será necessário definir o livro e apontar sua importância para a comunicação científica, especialmente no que diz respeito à Arquivologia. Nos critérios que serão observados nesta pesquisa, o livro é entendido como um instrumento de difusão do conhecimento possibilitando o aperfeiçoamento individual e social.

Para Machado (1994), o que conhecemos por livro refere-se ao *códice* cristão, isso desde o Século VI aos dias atuais. O *códice* usado pelos cristãos tinha por característica ser um pergaminho retalhado em folhas soltas, costuradas ou coladas com uma capa de material rígido. O livro, como conhecemos, era mais genérico e designava-se por qualquer dispositivo de fixação do pensamento independentemente do material, podendo ser de tábua de argila, pedra ou rolo de pergaminho. Com a expansão do cristianismo as definições se inverteram e o livro passou a designar o que era antes o *códice*, e as fixações de pensamento mais genéricas ficaram sem uma definição.

Machado (1994) ainda apresenta a seguinte definição para o livro: “[...] numa acepção mais ampla, como sendo todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os vãos de sua imaginação”.

No prefácio de “O aparecimento do livro”, Lucien Febvre (1992, p.15) apresenta a importância do livro para o desenvolvimento da sociedade e da disseminação do conhecimento através da cultura escrita:

[...] um dos mais poderosos instrumentos de que pôde dispor a civilização ocidental para concentrar o pensamento disperso de seus representantes, conferir toda a eficácia à meditação individual dos pesquisadores, ao transmiti-la logo a outros pesquisadores; reunir, segundo a conveniência de cada um, e sem demora nem

dificuldades, nem despesas, esse concílio permanente de grandes espíritos de que falou Michelet em termos imorredouros; conferir-lhe assim um vigor centuplicado, uma coerência completamente nova e, por isso mesmo, um poder incomparável de penetração e de irradiação; assegurar, num tempo mínimo, a difusão das idéias através de todo o domínio ao qual os obstáculos de escrita e de língua não proíbem o acesso; criar, além disso, entre os pensadores e, além de seu pequeno círculo, entre todos os que usam o pensamento, novos hábitos de trabalho intelectual: numa palavra, mostrar, no Livro, uma das formas mais eficazes desse domínio do mundo.

A UNESCO define livro da seguinte forma: “Publicação impressa não periódica com até 49 páginas excluindo as capas, publicado no país e disponível ao público”.

Considerando a importância dos livros para as áreas do conhecimento no Brasil, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) aprovou, através da 111ª reunião do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior em 24 de agosto de 2009, o roteiro para classificação dos livros. Neste sentido, a produção intelectual veiculada através dos livros devido a sua importância será avaliada, assim como é feito com os periódicos. Após esta avaliação, os livros receberão uma classificação de acordo com três categorias de ordem qualitativa: relevância, inovação e potencialidade de impacto. Contudo, é mister informar que a Capes não informa quais são as áreas que terão os livros avaliados no que diz respeito à produção de conhecimento.

Embora seja referenciado que os livros não sejam particularmente usados apenas pela comunidade acadêmica brasileira, é informado que não existem padrões para avaliação dos mesmos em outras partes do mundo. Desta maneira, os livros também fazem parte da construção das áreas de conhecimento como canal da comunicação científica.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Diante das questões que envolvem o conhecimento arquivístico produzido no Brasil, tornou-se necessário apresentar aspectos intrínsecos à produção deste conhecimento proveniente de teses e dissertações no âmbito de programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Dessa forma, para compreensão do universo empírico, foram analisadas as características destas teses e dissertações com

temática arquivística compreendidas publicadas como livro científico entre os anos 1995 e 2008.

Neste sentido, foram analisados aspectos comuns aos seis livros pesquisados tais como: intervalo entre o ano de defesas de dissertação/tese e publicação dos livros, distribuição por estado, programas nos quais foram produzidos, orientadores, editoras, atividade profissional dos autores, graduação dos autores e temáticas.

Além disso, foram realizadas entrevistas com a perspectiva de compreender questões que vão além das possíveis interpretações das leituras dos livros. Em linhas gerais, buscou-se verificar e aprofundar junto aos autores as razões pelas quais culminaram na transformação das dissertações e teses em livros.

4 RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa apontam que a relação interdisciplinar entre a Arquivologia e a Ciência da Informação no Brasil, está condicionada ao desenvolvimento de pesquisas que abordem de forma teórico-metodológica a questão da interdisciplinaridade entre as duas disciplinas. Desta forma, ambas as áreas poderão trocar experiências sobre as metodologias, os conceitos e o objeto de cada uma.

Algumas falas dos autores entrevistados ao responderem sobre o que pensavam da subordinação da Arquivologia à Ciência da Informação, na tabela de avaliação de áreas do CNPQ evidenciam os resultados desta pesquisa:

Sinceramente, tenho sérias restrições a esta classificação, embora não consiga desenvolver um raciocínio lógico explicando o por que. Por ora, prefiro interpretar a Arquivologia como uma área autônoma, que se utiliza do conhecimento de diversas outras áreas [...].

A Arquivologia é uma ciência autônoma, totalmente autônoma. Ela é muito autônoma, se é uma coisa que eu passei a ter certeza com o mestrado e doutorado é a riqueza da Arquivologia enquanto área do conhecimento autônoma, que tem um core lindíssimo [...] eu acho que apesar da tabela do CNPQ ainda contemplar a Ciência da Informação como uma área do conhecimento e a Arquivologia como subárea, a minha visão é que num tempo não muito distante isso será revertido, algumas discussões aconteceram e depois foram deixadas de lado, mas isso será retomado.

Evidentemente que isso depende de quem atua na Arquivologia e do papel, do produto e do esforço que for concentrado para isso. Então, me parece que a Arquivologia tem todas as condições de pleitear e

conseguir se consolidar como área do conhecimento e em consequência disso alterar a tabela do CNPQ.

Outro aspecto a ser mencionado é que o conhecimento advindo dos livros publicados possui um caráter eminentemente da área de Arquivologia conforme a fala de um dos entrevistados:

Não tenho essa pretensão de achar que teve repercussão na Ciência da Informação não. Agora, não trouxe nenhuma contribuição assim para a epistemologia da Ciência da Informação. Acho que trouxe para a epistemologia arquivística.

Ademais, pode ser percebido a partir do campo empírico que a relações entre as duas disciplinas vêm sendo construído, mas muito mais de forma circunstancial do que epistemológica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interdisciplinaridade entre as duas áreas estaria condicionada à produção de conhecimento arquivístico nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Sendo assim, a noção de informação arquivística aproximaria a Arquivologia da Ciência da Informação.

O conceito de campo científico desenvolvido por Bourdieu nos permite apontar que a Arquivologia e a Ciência da Informação são campos distintos, mas que se inter-relacionam no caso brasileiro. Enquanto a Ciência da Informação busca alcançar um *status* institucional no Brasil, a Arquivologia busca se legitimar enquanto campo autônomo do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação - Livros e folhetos - apresentação**: NBR 6029. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

BARATA, R. B. **Comentário: “o futuro do livro na avaliação dos programas de pós-graduação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n18/a12v9n18.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2006.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a política nacional do livro. **Diário Oficial da União**, Brasília (DF), 31 out. 2003. (Edição Extra)

CAMPELLO, B. S. Teses e dissertações. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p.121-128

- CAMPENHOUDT, L. V.; QUIVY, R. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 2003. 282p.
- COUTURE, C.; MARTINEAU, J.; DUCHARME, D. **A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo**. Brasília: Finatec, 1999. 190p.
- DIAS, E. W. Obras de referência. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p.183-190
- FEBVRE, L.; MARTIN, L. **O aparecimento do livro**. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1992.
- FONSECA, M. O. O ensino da Arquivologia e a literatura arquivística. In: JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. (Orgs.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1999.
- _____. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005. 124p.
- FUNARO, V. M. B. de O.; NORONHA, D. P. Literatura cinzenta: canais de distribuição e incidência nas bases de dados. In: POBLACION, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da (Orgs.). **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores, avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. p.215-235
- GOMES, S. R.; MENDONÇA, M. A. R.; SOUZA, C. M. de. Literatura cinzenta. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.). **Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p.97-104
- HERSCHMAN, A. The primary journal: past, present and future. **Journal of Chemical Documentation**, v.10, n.1, p.37-42, Feb. 1970. Disponível em: <<http://pubs.acs.org/doi/pdf/10.1021/c160036a014>>. Acesso em: 08 out. 2008.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. (Orgs.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1999. 202p.
- JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação. **Cadernos de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.41-50, 1995.
- JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. Educação arquivística, pesquisa e documentos eletrônicos. **Cenário Arquivístico**, v.2, n.2, p.52-55, 2003.
- LARA, M. L. G. Termos e conceitos da área de comunicação e produção científica. In: POBLACION, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da (Orgs.). **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores, avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. p.387-414
- LE CODIAC, Y.-F. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. 117p.
- MACHADO, A. Fim do livro? **Estud. av.**, São Paulo, v.8, n.21, p.201-214, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/13.pdf>>. Acesso em: 30 de out. 2008.
- MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268p.
- MIRANDA, D. B. de; PEREIRA, M. de N. F. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. **Ciência da Informação**, Brasília, v.25, n.3, p.375-382, 1996.
- MUELLER, S. P. M. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, n.0, dez. 1999. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10482/985>>. Acesso em: 30 out. 2008.

- MUELLER, S. P. M. A Ciência, o sistema de comunicação científica e literatura científica. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p.21-34
- OLIVEIRA, E. B. de; RODRIGUES, G. M; SOUZA, K. I. de; SOUZA, R. T. de; MONTIEL, R. Proposta de reforma curricular do curso de Arquivologia da universidade de Brasília. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v.1, n.1, p.40-46, jan./jun.2002.
- POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração de saberes. **LIINC em Revista**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.4-16, 2005.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 2003. 282p.
- RONDINELLI, R. C. **Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005. 160p.
- ROSSEAU, J.-Y; COUTURE, C. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998. 356p.
- SILVA, A. M. da. **A informação da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico**. Porto: Afrontamento, 2006. 176p.
- SILVA, A. M. da. **Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação**. 2.ed. Porto: Afrontamento, 2002. 254p.
- SILVA, E. P. da. **A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em Arquivologia no Brasil (1996-2006)**. Niterói: UFF, 2008. 110f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal Fluminense.
- TARGINO, M. das G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação&Sociedade**: Estudos, v.10, n2, p.67-85, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/326/248>>. Acesso em: 30 de out. 2008.